

MCTA025-13 - SISTEMAS DISTRIBUÍDOS

ARQUITETURAS DE SISTEMAS DISTRIBUÍDOS

Emilio Francesquini

18 de junho de 2018

Centro de Matemática, Computação e Cognição
Universidade Federal do ABC



- Estes slides foram preparados para o curso de **Sistemas Distribuídos na UFABC**.
- Este material pode ser usado livremente desde que sejam mantidos, além deste aviso, os créditos aos autores e instituições.
- Estes slides foram adaptados daqueles originalmente preparados (e gentilmente cedidos) pelo professor **Daniel Cordeiro, da EACH-USP** que por sua vez foram baseados naqueles disponibilizados online pelos autores do livro “Distributed Systems”, 3ª Edição em:
<https://www.distributed-systems.net>.

- Estilos arquiteturais
- Arquiteturas de software
- Arquiteturas versus middleware
- Sistemas distribuídos autogerenciáveis

Ideia básica

Um estilo é definido em termos de:

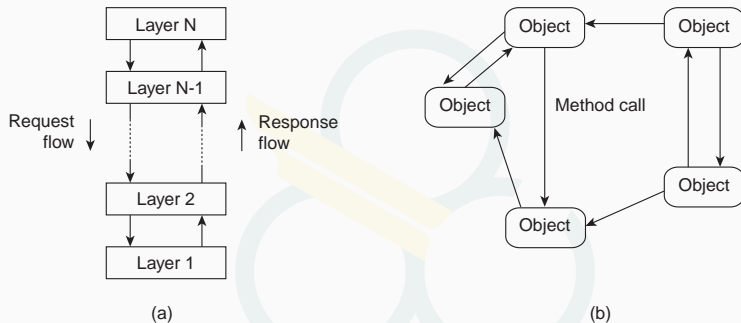
- componentes (substituíveis) com interfaces bem definidas
- o modo como os componentes são conectados entre si
- como os dados são trocados entre componentes
- como esses componentes e conectores são configurados conjuntamente em um sistema

Conector

Um mecanismo que intermedeia comunicação, coordenação ou cooperação entre componentes. Exemplo: recursos para chamadas de procedimento (remotos), mensagens ou *streaming*.

Ideia básica

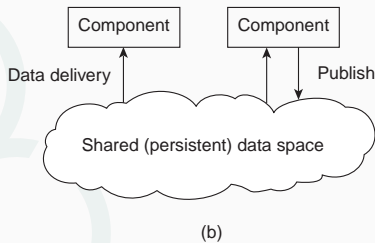
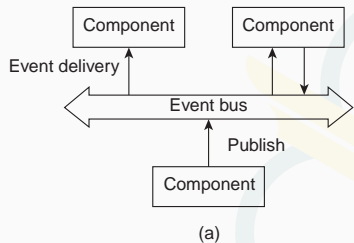
Organize em componentes **logicamente diferentes** e os distribua entre as máquinas disponíveis.



- (a) Estilo em camadas é usado em sistemas cliente-servidor
- (b) Estilo orientado a objetos usado em sistemas de objetos distribuídos.

Observação

Desacoplar processos no **espaço** (anônimos) e **tempo** (assíncronos) pode levar a estilos diferentes.

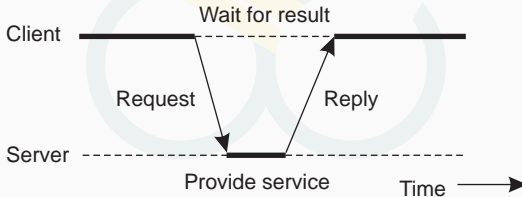


(a) Publish/subscribe [desacoplado no **espaço**]

(b) Espaço de dados compartilhados [desacoplado no **espaço** e **tempo**]

Características do modelo Cliente-Servidor

- Existem processos que oferecem serviços (**servidores**)
- Existem processos que usam esses serviços (**clientes**)
- Clientes e servidores podem estar em máquinas diferentes
- Clientes seguem um modelo requisição/resposta ao usar os serviços



Visão tradicional em três camadas

- A **camada de apresentação** contém o necessário para a aplicação poder interagir com o usuário
- A **camada de negócio** contém as funções de uma aplicação
- A **camada de dados** contém os dados que o cliente quer manipular através dos componentes da aplicação

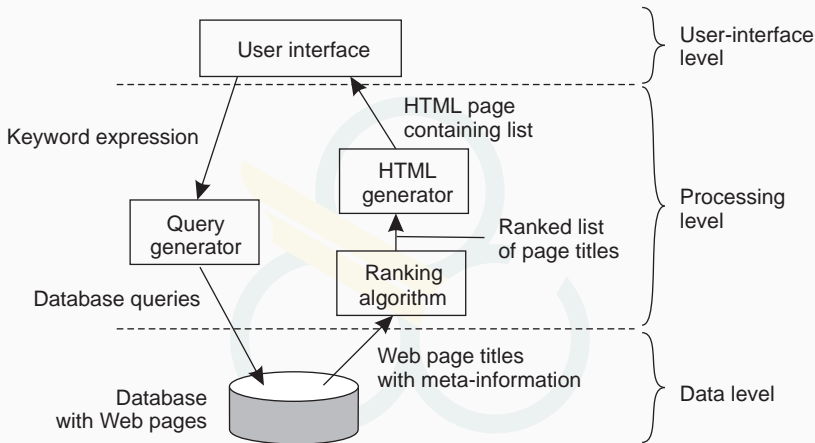
Visão tradicional em três camadas

- A **camada de apresentação** contém o necessário para a aplicação poder interagir com o usuário
- A **camada de negócio** contém as funções de uma aplicação
- A **camada de dados** contém os dados que o cliente quer manipular através dos componentes da aplicação

Observação

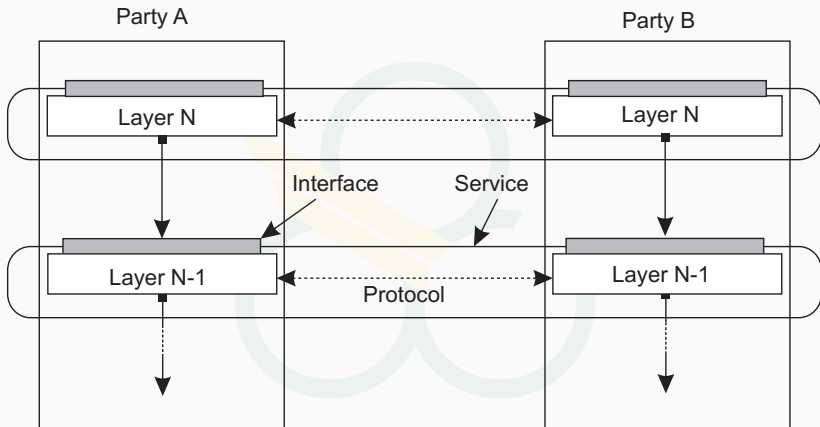
Estas camadas são encontradas em muitos sistemas de informação distribuídos, que usam tecnologias de bancos de dados tradicionais e suas aplicações auxiliares.

ARQUITETURAS MULTICAMADA



EXEMPLO: PROTOCOLOS DE COMUNICAÇÃO

Protocolo, serviço, interface



Servidor

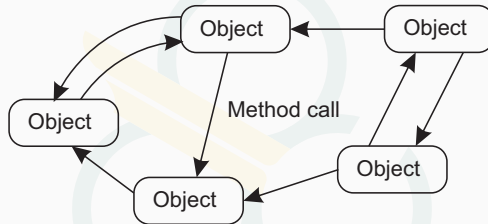
```
from socket import *
s = socket(AF_INET, SOCK_STREAM)
(conn, addr) = s.accept() # returns new socket and addr. client
while True:               # forever
    data = conn.recv(1024) # receive data from client
    if not data: break    # stop if client stopped
    conn.send(str(data)+"*") # return sent data plus an "*"
conn.close()              # close the connection
```

Cliente

```
from socket import *
s = socket(AF_INET, SOCK_STREAM)
s.connect((HOST, PORT)) # connect to server (block until accepted)
s.send('Hello, world') # send some data
data = s.recv(1024)    # receive the response
print data              # print the result
s.close()               # close the connection
```

Essência

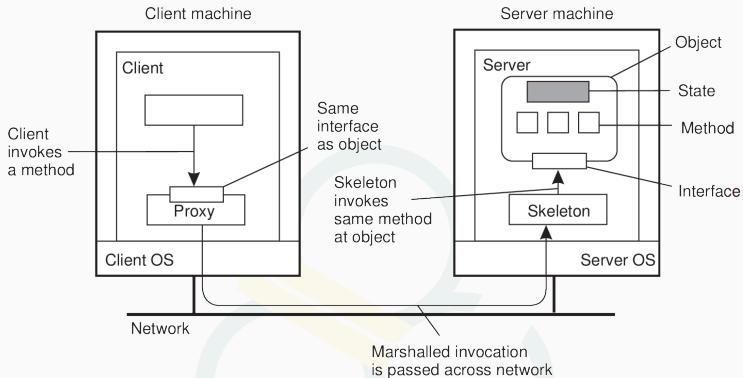
Componentes são objetos, conectados entre si usando chamadas de procedimentos. Objetos podem ser colocados em máquinas diferentes; chamadas, por tanto, devem executar usando a rede.



Encapsulamento

Dizemos que um objeto *encapsula dados* e oferece *métodos para os dados* sem revelar sua implementação.

ESTILO ORIENTADO A OBJETOS



Encapsulamento

Os objetos (e consequentemente dados e comportamentos) ficam distribuídos pelo sistema. Apesar do usuário fazer chamadas que são equivalentes a chamadas locais, elas podem estar sendo feitas em **objetos remotos**.

Vê um sistema distribuído como uma coleção de recursos que são gerenciados individualmente por componentes. Recursos podem ser adicionados, removidos, recuperados e modificados por aplicações (remotas).

1. Recursos são identificados usando um único esquema de nomeação
2. Todos os serviços oferecem a mesma interface
3. Mensagens enviadas de ou para um serviço são auto-descritivas
4. Após a execução de uma operação em um serviço, o componente esquece tudo sobre quem chamou a operação

Operações básicas

Operação	Descrição
PUT	Cria um novo recurso
GET	Recupera o estado de um recurso usando um tipo de representação
DELETE	Apaga um recurso
POST	Modifica um recurso ao transferir um novo estado

Essência

Objetos (arquivos) são armazenados em **buckets** (diretórios). Buckets não podem ser colocados dentro de outros buckets. Operações em **ObjectName** em **BucketName** requerem o seguinte identificador:

```
http://BucketName.s3.amazonaws.com/ObjectName
```

Operações típicas

Todas as operações são realizadas com requisições HTTP:

- Criar um bucket/objeto: **PUT** + URI
- Listar objetos: **GET** em um nome de bucket
- Ler um objeto: **GET** em uma URI completa

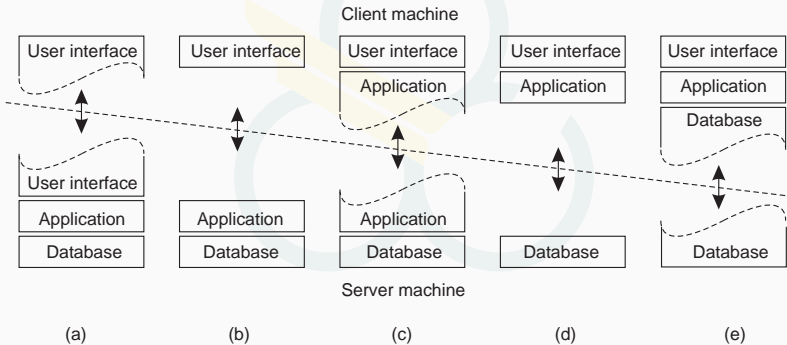
ARQUITETURAS MULTICAMADA

uma camada: configurações de terminal burro/mainframe

duas camadas: configuração cliente–servidor único.

três camadas: cada camada em uma máquina separada

Configurações tradicionais em duas camadas físicas:



P2P estruturado os nós são organizados seguindo uma estrutura de dados distribuída específica

P2P não-estruturado os nós selecionam aleatoriamente seus vizinhos

P2P híbrido alguns nós são designados, de forma organizada, a executar funções especiais

P2P estruturado os nós são organizados seguindo uma estrutura de dados distribuída específica

P2P não-estruturado os nós selecionam aleatoriamente seus vizinhos

P2P híbrido alguns nós são designados, de forma organizada, a executar funções especiais

Nota:

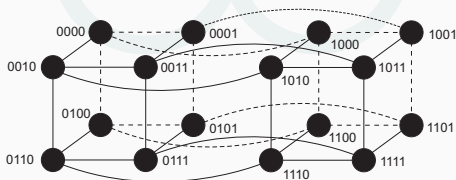
Praticamente todos os casos são exemplos de **redes overlay**: dados são roteados usando conexões definidas pelos nós (Cf. multicast em nível de aplicação)

- A ideia é utilizar um índice **não baseado na semântica dos dados**: cada conjunto de dados é associado unicamente a uma chave que, por sua vez, é usada como índice. A maneira mais comum de fazer isto é através de uma **função de hash**.
 - $\text{chave}(\text{dado}) = \text{hash}(\text{dado})$

O sistema P2P passa então a ser responsável apenas por associar chaves a valores ou, de maneira equivalente, lidar apenas com **pares (chave, valor)**.

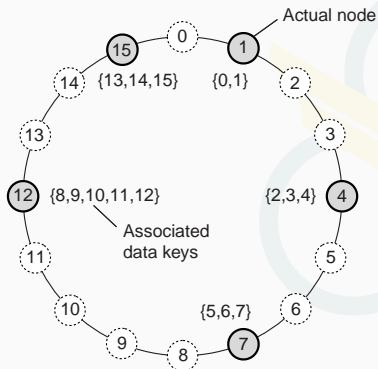
Exemplo simples: Hipercubo:

A procura por um dado d com **chave** $k \in \{0, 1, 2, \dots, 2^4 - 1\}$ causa o roteamento da busca para o nó com **identificador** k .



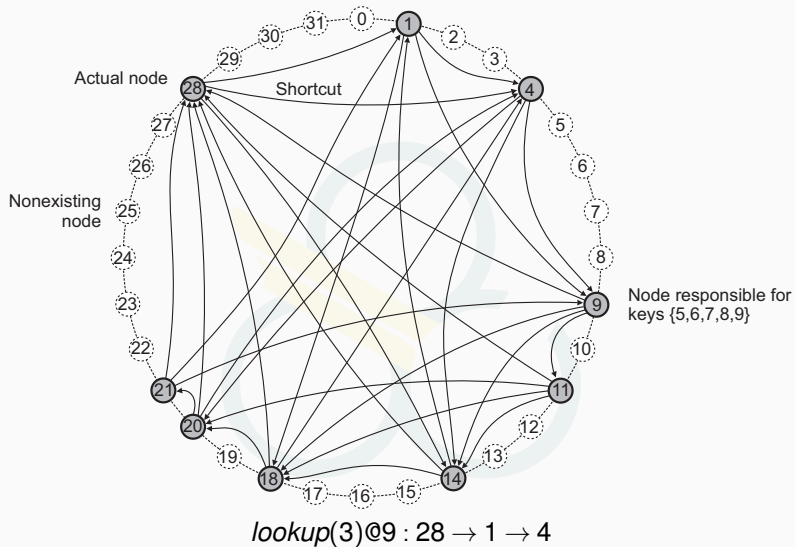
Ideia básica

Organizar os nós em uma **rede overlay** estruturada, tal como um anel lógico, e fazer com que alguns nós se tornem responsáveis por alguns serviços baseado unicamente em seus IDs.



Nota

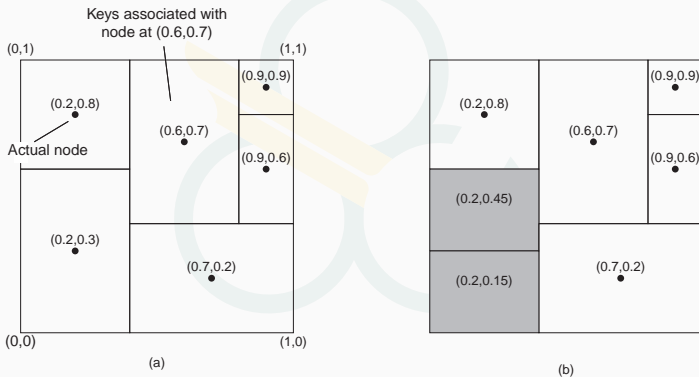
O sistema provê uma operação **LOOKUP(key)** que irá fazer o roteamento de uma requisição até o nó correspondente.



Outro exemplo

Organize os nós em um espaço d -dimensional e faça todos os nós ficarem responsáveis por um dado em uma região específica.

Quando um nó for adicionado, divida a região.



Observação

Muitos sistemas P2P não-estruturados tentam manter um **grafo aleatório**.

Princípio básico

Cada nó deve contactar um outro nó selecionado aleatoriamente:

- Cada participante mantém uma **visão parcial** da rede, consistindo de c outros nós
- Cada nó P seleciona periodicamente um nó Q de sua visão parcial
- P e Q trocam informação **&&** trocam membros de suas respectivas visões parciais

Nota

Dependendo de como as trocas são feitas, não só a aleatoriedade mas também a **robustez** da rede pode ser garantida.

O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

| Thread passiva



O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

```
selectPeer(&B);
```

| Thread passiva

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho de sua visão parcial.

O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&bufs);
```

| Thread passiva

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho de sua visão parcial.

selectToSend: Seleciona *s* entradas de seu cache local.

O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&bufs);  
sendTo(B, bufs);
```

| Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &bufr);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho de sua visão parcial.

selectToSend: Seleciona *s* entradas de seu cache local.

O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&bufs);  
sendTo(B, bufs);
```

| Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &bufnr);  
selectToSend(&bufs);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho de sua visão parcial.

selectToSend: Seleciona *s* entradas de seu cache local.

O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&bufs);  
sendTo(B, bufs);  
  
receiveFrom(B, &bufr);
```

| Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &bufr);  
selectToSend(&bufs);  
sendTo(A, bufs);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho de sua visão parcial.

selectToSend: Seleciona *s* entradas de seu cache local.

O QUE É GOSSIPING?

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&bufs);  
sendTo(B, bufs);  
  
receiveFrom(B, &bufr);  
selectToKeep(cache, bufr);
```

Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &bufr);  
selectToSend(&bufs);  
sendTo(A, bufs);  
selectToKeep(cache, bufr);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho de sua visão parcial.

selectToSend: Seleciona s entradas de seu cache local.

selectToKeep: (1) Adiciona as entradas recebidas ao cache local. (2) Remove os itens repetidos. (3) Encolhe o tamanho do cache para c (usando alguma estratégia).

FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

| Thread passiva



FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

`selectPeer(&B);`

| Thread passiva

`selectPeer`: Seleciona aleatoriamente um vizinho.

FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&peers_s);
```

| Thread passiva

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho.

selectToSend: Seleciona **s** referências a vizinhos.

FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&peers_s);  
sendTo(B, peers_s);
```

| Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &peers_r);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho.

selectToSend: Seleciona **s** referências a vizinhos.

FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&peers_s);  
sendTo(B, peers_s);
```

| Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &peers_r);  
selectToSend(&peers_s);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho.

selectToSend: Seleciona **s** referências a vizinhos.

FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&peers_s);  
sendTo(B, peers_s);  
  
receiveFrom(B, &peers_r);
```

| Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &peers_r);  
selectToSend(&peers_s);  
sendTo(A, peers_s);
```

selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho.

selectToSend: Seleciona **s** referências a vizinhos.

FUNDAMENTO: AMOSTRAGEM DE PEERS USANDO GOSSIP

Unifica a visão parcial e o cache local \Rightarrow troca os vizinhos

Thread ativa

```
selectPeer(&B);  
selectToSend(&peers_s);  
sendTo(B, peers_s);  
  
receiveFrom(B, &peers_r);  
selectToKeep(pview, peers_r);
```

Thread passiva

```
receiveFromAny(&A, &peers_r);  
selectToSend(&peers_s);  
sendTo(A, peers_s);  
selectToKeep(pview, peers_r);
```

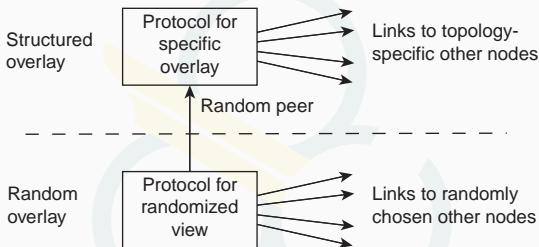
selectPeer: Seleciona aleatoriamente um vizinho.

selectToSend: Seleciona *s* referências a vizinhos.

selectToKeep: (1) Adiciona as referências recebidas à visão parcial.
(2) Remove as refs. repetidas. (3) Encolhe o tamanho da visão para *c*, removendo aleatoriamente as refs enviadas (mas nunca as recebidas).

Ideia básica

Distinguir duas camadas: (1) mantém uma visão parcial aleatória na camada inferior; (2) seleciona quem manter nas visões parciais das camadas superiores.



Nota

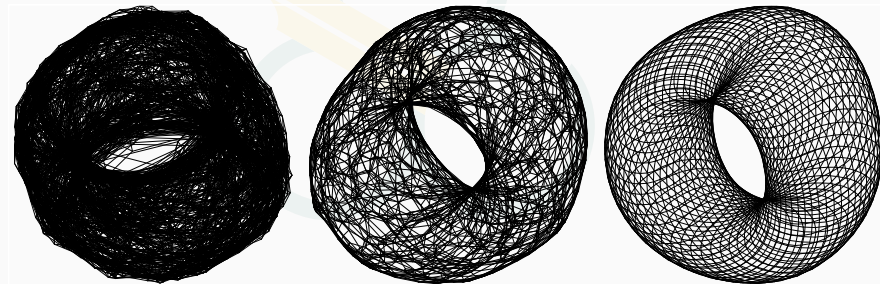
As camadas inferiores **alimentam** as camadas superiores com nós escolhidos aleatoriamente; a camada superior é **seletiva** para manter as referências.

Construindo um toro

Considere uma grade $N \times N$. Mantenha referências apenas aos vizinhos mais próximos:

$$\| (a_1, a_2) - (b_1, b_2) \| = d_1 + d_2$$

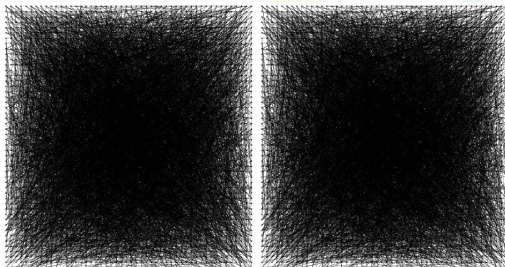
$$d_i = \min\{N - |a_i - b_i|, |a_i - b_i|\}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

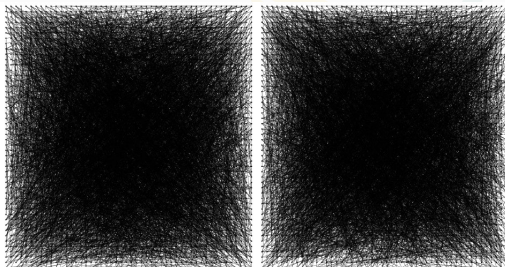
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

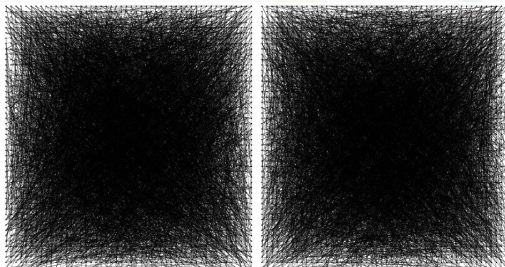
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

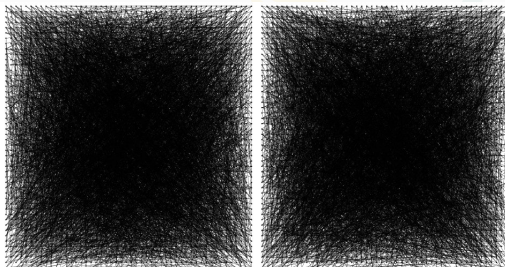
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

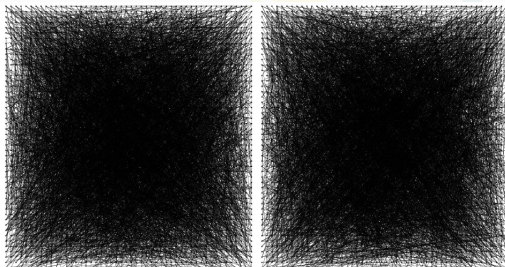
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

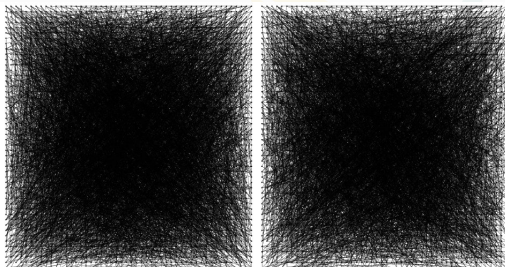
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

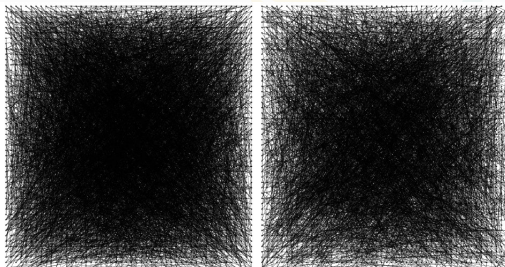
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

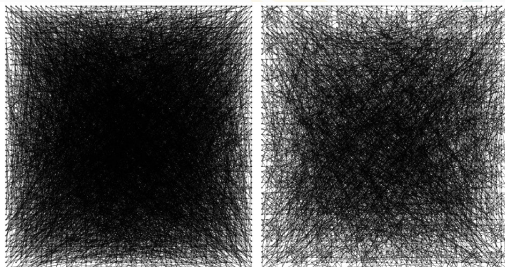
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

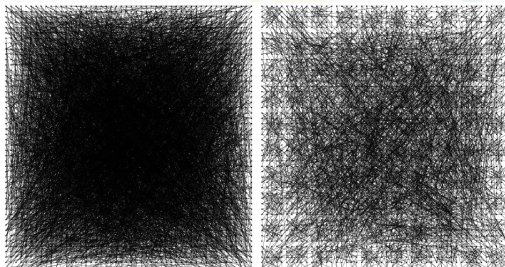
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

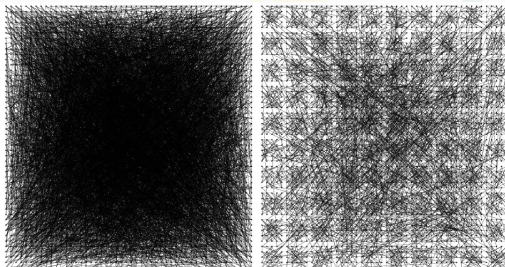
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

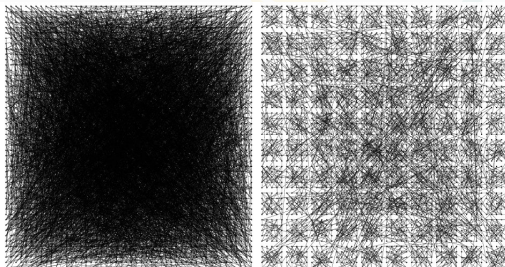
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

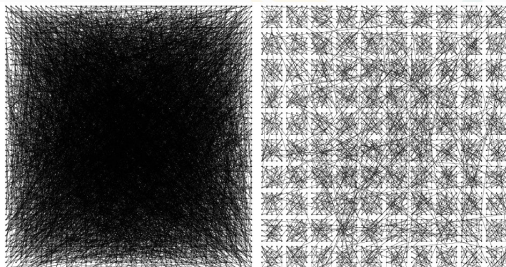
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

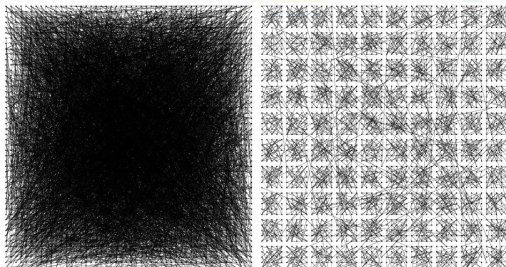
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

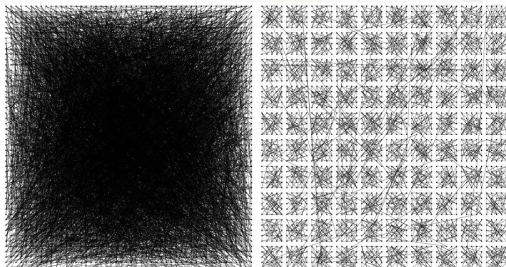
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

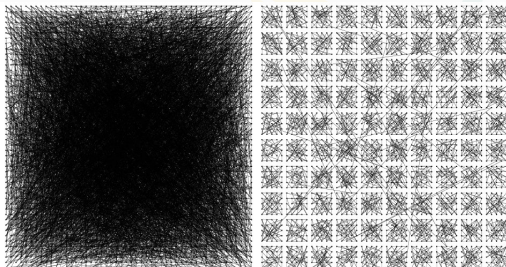
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

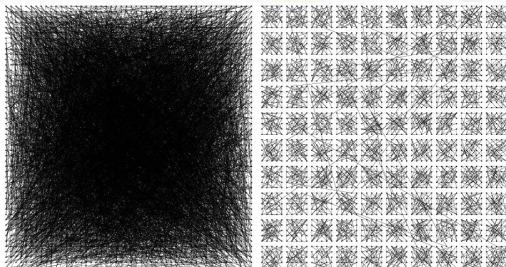
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

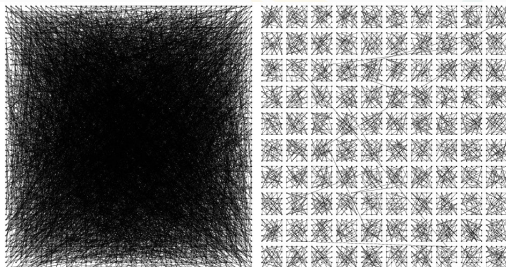
$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

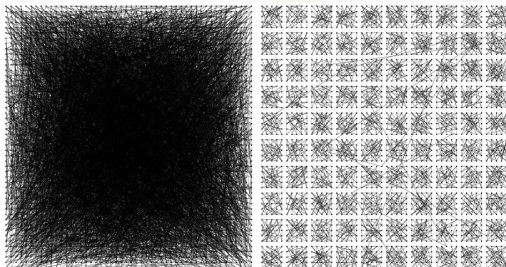
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

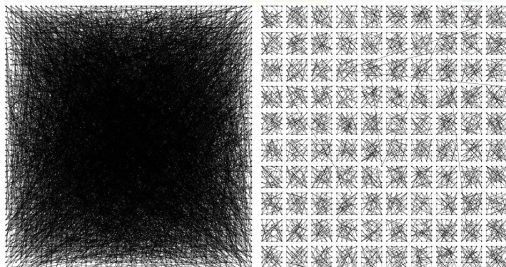
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

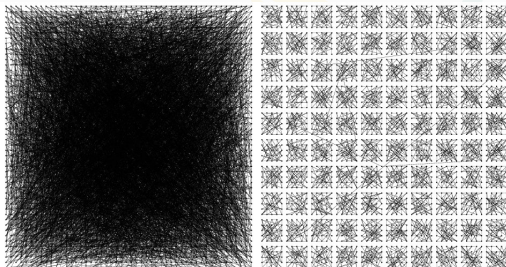
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

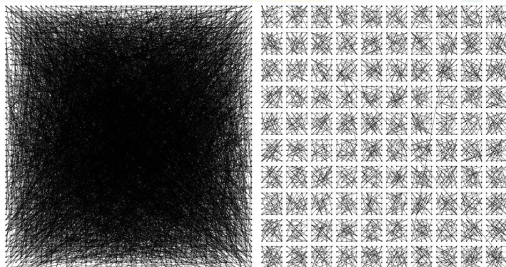
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

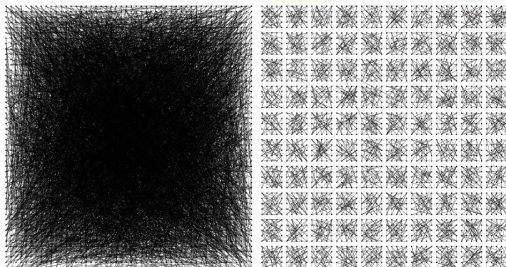
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

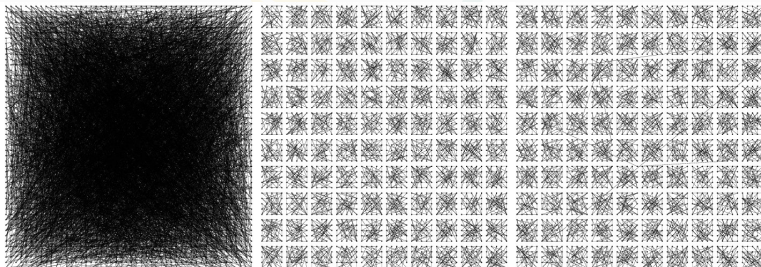
$$dist(i,j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



EXEMPLO: CRIANDO CLUSTERS DE NÓS

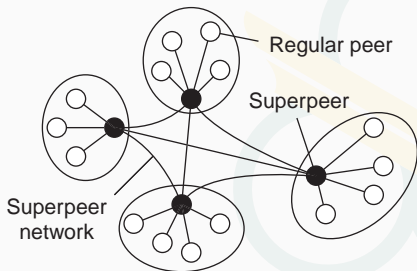
Ideia básica: a todo nó i é definido um *identificador de grupo* $GID(i) \in \mathbb{N}$. O objetivo é particionar o overlay em **componentes** disjuntos (clusters) tais que:

$$dist(i, j) = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ pertencem ao mesmo grupo } [GID(i) = GID(j)] \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$



Observação

Às vezes, selecionar alguns nós para realizar algum trabalho específico pode ser útil.



Exemplos:

- Peers para manter um índice (para buscas)
- Peers para monitorar o estado da rede
- Peers capazes de configurar conexões

Tanto A quanto B estão na Internet pública

- Uma conexão TCP é estabelecida entre A e B para envio de pacotes de controle
- A chamada real usa pacotes UDP entre as portas negociadas



Tanto A quanto B estão na Internet pública

- Uma conexão TCP é estabelecida entre A e B para envio de pacotes de controle
- A chamada real usa pacotes UDP entre as portas negociadas

A está atrás de um firewall, B está na Internet pública

- A configura uma conexão TCP (para os pacotes de controle) com um superpeer S
- S configura uma conexão TCP (para redirecionar os pacotes de controle) com B
- A chamada real usa pacotes UDP diretamente entre A e B

Tanto A quanto B estão na Internet pública

- Uma conexão TCP é estabelecida entre A e B para envio de pacotes de controle
- A chamada real usa pacotes UDP entre as portas negociadas

A está atrás de um firewall, B está na Internet pública

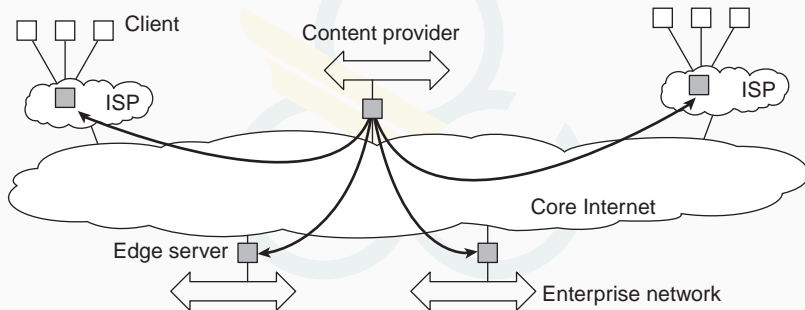
- A configura uma conexão TCP (para os pacotes de controle) com um superpeer S
- S configura uma conexão TCP (para redirecionar os pacotes de controle) com B
- A chamada real usa pacotes UDP diretamente entre A e B

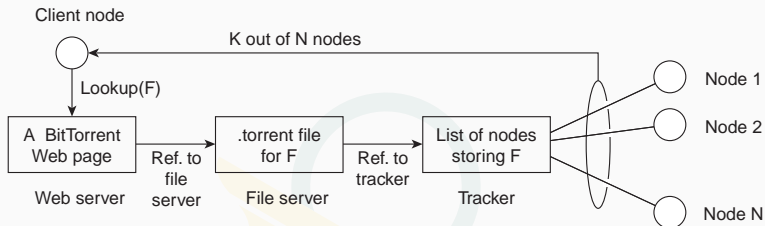
Tanto A quanto B estão atrás de um firewall

- A conecta com um superpeer S via TCP
- S configura uma conexão TCP com B
- Para a chamada real, outro superpeer é usado para funcionar como retransmissor (**relay**): A (e B) configura a conexão com R
- A chamada é encaminhada usando duas conexões TCP, usando R como intermediário

Exemplo:

Arquiteturas de servidores de borda (*edge-server*), utilizados com frequência como **Content Delivery Networks** (redes de distribuição de conteúdo).





Ideia básica

Assim que um nó identifica de onde o arquivo será baixado, ele se junta a uma **swarm** (multidão) de pessoas que, **em paralelo**, receberão pedaços do arquivo da fonte e redistribuirão esses pedaços entre os outros.

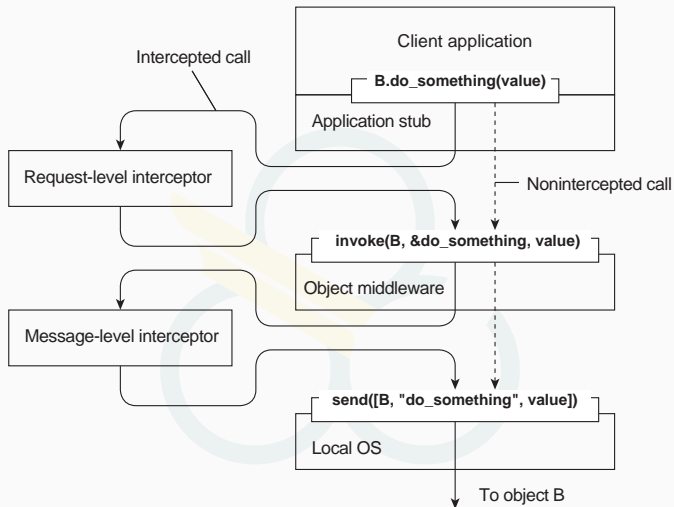
Problema

Em muitos casos, arquiteturas/sistemas distribuídos são desenvolvidos de acordo com um estilo arquitetural específico. O estilo escolhido pode não ser o melhor em todos os casos ⇒ é necessário **adaptar o comportamento do middleware** (dinamicamente).

Interceptors

Interceptam o fluxo de controle normal quando um **objeto remoto** for invocado.

INTERCEPTORS



- **Separação de interesses:** tente separar as **funcionalidades extras** e depois **costurá-las** em uma única implementação ⇒ aplicabilidade restrita (*toy examples*)
- **Reflexão computacional:** deixe o programa inspecionar-se em tempo de execução e adaptar/mudar suas configurações dinamicamente, se necessário ⇒ ocorre principalmente no nível da linguagem, aplicabilidade não é muito clara.
- **Projeto baseado em componentes:** organize uma aplicação distribuída em componentes que podem ser substituídos dinamicamente quando necessário ⇒ causa muitas e complexas interdependências entre componentes.

Observação

A distinção entre arquiteturas de sistemas e arquiteturas de software fica confusa quando **adaptação automática** deve ser considerada:

- Autoconfiguração
- Autogerenciamento
- Autocura
- Auto-otimização
- Auto-*

Governador centrífugo

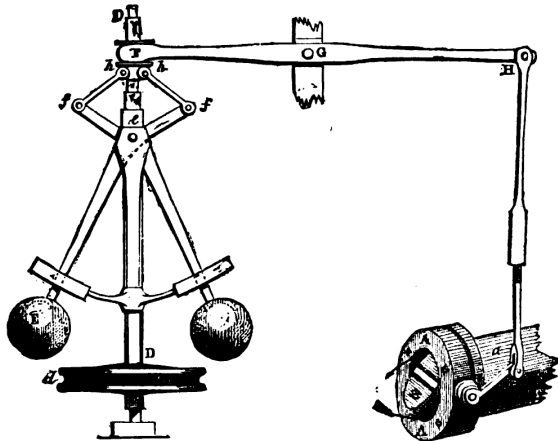


FIG. 4.--Governor and Throttle-Valve.

Governador centrífugo

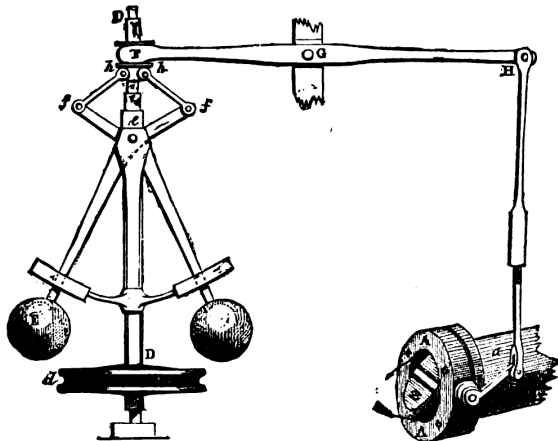


FIG. 4.--Governor and Throttle-Valve.

- Criado em 1788 por James Watt.

Governador centrífugo

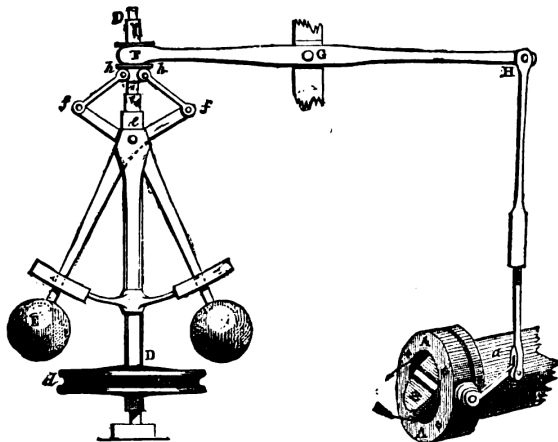


FIG. 4.--Governor and Throttle-Valve.

- Criado em 1788 por James Watt.
- Controla a admissão de vapor no cilindro de máquinas a vapor.

MODELO DE REGULAÇÃO POR FEEDBACK

Em muitos casos, sistemas auto-* são organizados como um sistema de regulação por feedback

